

**ANNA
POLITKOVSKAYA**

NADA

MAIS

DO QUE A

VERDADE

ELSINORE

ARTIGOS ESCOLHIDOS

ÍNDICE

11

Prefácio

–

15

«Anna ligou-me para o hospital de manhã»

–

17

Então de que é que eu sou culpada?

–

23

1. Dever-se-á Sacrificar Vidas ao Jornalismo?

–

43

2. A Guerra na Chechênia

Parte I: Reportagens na Linha da Frente, 44

Parte II: Os Protagonistas, 100

Parte III: Os Kadyrov, 135

–

199

3. O Cadete

–

251

4. Nord-Ost

—

283

5. Beslan

—

313

6. Rússia: Um País em Paz

—

333

7. Planeta Terra: O Mundo Para Lá da Rússia

—

389

8. A Outra Anna

—

419

9. Últimos Textos

—

429

10. Depois de 7 de Outubro

—

491

Prêmios atribuídos a Anna Politkovskaya

—

497

Glossário

—

*Ela representava a honra e a consciência da Rússia,
e provavelmente nunca saberemos
qual era a fonte da sua fanática coragem
e do amor ao trabalho que estava a fazer.*

LIZA UMAROVA, cantora chechena

PREFÁCIO

«Vai para onde o silêncio existe e diz algo.»
AMY GOODMAN, *Columbia Journalism Review*, 1994

No início de 2005 fui convidada pela PEN, a organização dedicada à promoção da literatura e da liberdade de expressão, para entregar um prémio a Anna Politkovskaya. Fiquei encantada com a oportunidade de me encontrar com ela, porquanto conhecia o seu trabalho e admirava grandemente a sua corajosa oposição, tanto ao conflito checheno como ao regime autoritário do Presidente Putin. A sua valentia perante os perigos mais graves fizeram dela um dos poucos jornalistas internacionais que os ativistas e os defensores dos direitos humanos admiravam.

Na minha homenagem a Anna saudei a sua intransigente cobertura dos horrores que se abateram sobre o povo da Chechénia; recordei as torturas e as execuções encenadas a que foi sujeita pelas tropas russas por documentar as atrocidades perpetradas contra a população civil; e também os seus relatos sobre o cerco ao teatro moscovita em 2002 e o seu fim sangrento, bem como a sua determinação em desafiar as ameaças das autoridades estatais e de outros operadores obscuros no seio do firmamento político russo.

Temos para com ela uma dívida de gratidão por ter ajudado o Ocidente a alcançar uma melhor compreensão da paisagem emergente na Rússia pós-soviética e por lançar uma luz mais clara sobre a verdadeira natureza da ocupação da Chechénia, um conflito brutal intencionalmente deturpado e apresentado como a frente da Rússia na guerra contra o terrorismo. Nenhuma democracia é digna desse nome se a liberdade de imprensa for restringida ou os escritores e jornalistas forem esmagados; e aqui estava uma jornalista que — correndo grandes riscos — desafiava a intimidação estatal para falar verdade.

*

Anna recebeu o prémio com bom humor e humildade. Como esta seleção de textos seus mostra, o alcance do seu jornalismo estendeu-se muito para lá da cobertura de eventos cataclísmicos encarados individualmente. Anna levantou muitas vezes o véu que cobria uma desumanidade sistémica que não atraía tanto interesse internacional. As suas tenazes investigações implicaram uma correspondência obstinada com o poder e muitos dias passados em tribunal. A sua cobertura do caso de «O Cadete», por exemplo, revela o seu empenho e compromisso no relato de longos julgamentos que poderiam fazer desistir outros. Sergei Lapin — O Cadete — era o membro do Exército russo na Chechénia que se crê ser responsável por muitos dos «desaparecimentos» de chechenos que foram arrastados das suas casas e nunca mais foram vistos. Tinha fama de torcionário e assassino extrajudicial, mas apesar dos esforços para o levar a tribunal, conseguiu sempre manipular o processo legal através da intimidação e do tráfico de influências. Anna acreditava que as falhas dos tribunais em fazer justiça deveriam ser documentadas, sendo esse o papel da imprensa, em nome dos que sofreram às suas mãos: exigir transparência e responsabilização. Encontrou-se com as mães e mulheres das vítimas de O Cadete, ouviu as suas histórias e sabia que ele era responsável. Anna lutou por elas, o que contribuiu para que O Cadete acabasse por ser condenado.

Depois da cerimónia de entrega do prémio, sentámo-nos a beber vinho e a falar de política. Anna pintou um retrato devastador da Rússia de Putin, um país governado por uma administração que mantém muitas das marcas do estalinismo; aqui estava uma terra cujos próprios serviços secretos suprimiam liberdades civis e onde o medo perpassava universidades, redações de jornais e todos os corredores onde a democracia poderia ter florescido.

Anna recebeu ameaças de morte por telefone e na Internet. Publicaram-se artigos a difamá-la, foi tratada com desdém e socialmente ostracizada a ponto de alguns dos seus antigos amigos e colegas se absterem de entrar em contacto com ela com medo de se tornarem alvos por associação. Falou com tristeza das consequências negativas

para a sua vida privada, dos efeitos sobre a sua família e filhos. Ainda assim, o seu isolamento e solidão, em vez de a diminuírem, pareciam ter-se tornado fonte de força e determinação, como se tivesse passado um qualquer rubicão e estivesse agora para lá dos conceitos vulgares de medo e coragem.

Pouco tempo antes de receber o prémio, Anna tinha sido envenenada quando voava para Rostov-sobre-o-Don para cobrir a crise de reféns de Beslan. Terroristas armados mantinham mais de mil crianças e adultos como reféns, num cerco que acabou num número elevadíssimo de mortes. Mas Anna nunca chegaria a Beslan. Sentadas a conversar noite fora, Anna descreveu-me o episódio com uma vividez aterradora. Como tinha feito chamadas telefónicas para colegas que devem ter sido intercetadas. Como tinha embarcado no avião e aceitado uma chávena de chá antes da descolagem para depois acordar numa enfermaria. Contra toda a realidade, tendemos a alimentar a frágil esperança de que a sucessão de honras internacionais feitas àqueles que resistem, que defendem a liberdade de expressão, a justiça e a liberdade, lhes proporcione algum manto de imunidade contra as retaliações, por mais poderosos, sem lei ou vingativos que sejam os seus inimigos. No caso de Anna, tal otimismo era infundado.

Foi morta a tiro a 7 de outubro de 2006, uma notícia que recebi como um soco. No entanto, seja qual for a força motriz que lhe tenha dado energia para persistir, permaneceu com ela até ao fim. Foi uma mulher realmente excecional, cuja bravura ao confrontar a opressão é um legado que deixa ao mundo e uma fonte de inspiração para todos nós.

Lembro-me de me despedir dela na noite da atribuição do prémio e de lhe perguntar se não pensava em sair da Rússia, pelo menos temporariamente. Ela pegou-me na mão, a sorrir, e disse: «O exílio não é para mim. Assim, eles ganhavam.»

Helena Kennedy QC¹

¹ QC, Queen's Counsel, título dos advogados seniores no Reino Unido. Helena Kennedy é uma advogada escocesa e membro da Câmara dos Lordes, do Partido Trabalhista, especialista em Direitos Humanos, Direitos Cívicos e Direito Constitucional. [N. T.]

«ANNA LIGOU-ME PARA O HOSPITAL DE MANHÃ»

Anna ligou-me para o hospital de manhã, antes das 10 horas. Devia vir visitar-me, era o seu dia, mas tinha acontecido qualquer coisa em casa. Anna disse à minha segunda filha, Lena, para vir no seu lugar e prometeu que nos encontraríamos sem falta no domingo. Pareceu-me bem-disposta, com uma voz alegre. Perguntou como me sentia e se andava a ler. Sabia que sou uma apaixonada por literatura histórica e tinha-me comprado *O Mais Augusto Tribunal sob o Signo de Himeneu*, de Alexander Manko. Ela não o tinha lido. Disse-lhe:

— Anya, tenho dificuldade em ler. Tenho de ler três vezes cada página porque tenho o pai diante dos olhos a toda a hora. [O marido de Raisa Mazepa tinha morrido pouco tempo antes.]

Anna tentou acalmar-me:

— Ele não sofreu. Aconteceu tudo muito depressa. Ele vinha visitar-te. Vamos antes falar do livro.

Eu disse:

— Anya, há uma epígrafe na página 179 que me comoveu verdadeiramente. É tão parte de nós, tão russo.

Li-lhe essa epígrafe:

— *Há dias bêbedos na história dos povos. Temos de os viver, mas nunca conseguimos realmente viver neles.*

— Oh, mãe — replicou ela —, marca essa página, não te esqueças.

Perguntei à minha filha quem era o autor da epígrafe e ela falou-me de Nadezhda Teffi, uma famosa poeta russa. Depois disse:

— Falamos amanhã, mãe.

Estava muito bem-disposta. Ou talvez não estivesse e fizesse de conta que estava tudo bem para não me preocupar.

Eu estava sempre muito preocupada com ela. Pouco tempo antes de eu ir para o hospital, tivemos uma conversa. Preparava um artigo

ANNA POLITKOVSKAYA

sobre a Chechénia e implorei-lhe que tivesse cuidado. Lembro-me das suas palavras:

– Claro que sei que a espada de Dâmocles pende sempre sobre mim. Sei isso, mas não desisto.

RAISA MAZEPA (mãe de Anna Politkovskaya), in *Novaya Gazeta*,
23 de outubro de 2006

ENTÃO DE QUE É QUE EU SOU CULPADA?

[Artigo encontrado no computador de Anna Politkovskaya depois da sua morte e dirigido aos leitores estrangeiros.]

«*Kovernys*» era um palhaço russo cuja tarefa nos velhos tempos consistia em manter o público a rir-se enquanto a arena do circo era mudada entre números. Se não conseguia fazer rir as pessoas, as damas e os cavalheiros apupavam-no e a gerência despedia-o.

Quase toda a presente geração de jornalistas russos e as secções dos meios de comunicação que sobreviveram até hoje são palhaços deste tipo, uma Tenda de Circo cheia de *kovernys* cujo trabalho é manter o público entretido e que, se têm de escrever sobre algum assunto sério, se limitam a dizer quão maravilhosa é a Pirâmide do Poder em todas as suas manifestações. A Pirâmide do Poder é algo que o Presidente Putin tem laboriosamente vindo a construir nos últimos cinco anos, na qual cada oficial — da base ao topo, toda a hierarquia burocrática — é nomeado pessoalmente por ele ou pelos seus nomeados. É uma disposição do Estado que garante que qualquer pessoa dada a pensar de forma diferente do seu superior imediato é prontamente demitida. Na Rússia, as pessoas assim nomeadas constituem a chamada Administração Presidencial de Putin, que dirige efetivamente o país, as pessoas «alinhas». Quem não for alinhado é um inimigo. A vasta maioria dos que trabalham na comunicação social apoia este dualismo. Os seus relatórios detalham como são bons os «alinhas» e deploram a natureza desprezível dos inimigos. Estes últimos incluem políticos de tendência liberal, ativistas dos direitos humanos e democratas «inimigos», que são geralmente caracterizados como vendidos ao Ocidente. Um exemplo de um democrata «alinhas» é, claro, o próprio Presidente Putin. Os jornais e televisões

dão máxima prioridade a «denúncias» pormenorizadas dos lucros que os inimigos receberam do Ocidente pelas suas atividades.

Os jornalistas e apresentadores de televisão abraçaram com entusiasmo o seu novo papel na Tenda de Circo. A batalha pelo direito de veicular informação imparcial, em lugar de agir como serventúrios da Administração Presidencial, é coisa do passado. Uma atmosfera de estagnação moral e intelectual prevalece na profissão que também é a minha, e é preciso dizer que a maioria dos meus camaradas jornalistas não está muito preocupada com a transformação do jornalismo em propaganda em prol do poder. Admitem abertamente que recebem informações acerca de inimigos da parte de membros da Administração Presidencial e que lá de cima lhes dizem o que devem cobrir e do que devem manter-se afastados.

O que acontece aos jornalistas que não querem atuar na Tenda de Circo? Tornam-se párias. Não estou a exagerar.

A minha última viagem ao Norte do Cáucaso, para fazer reportagens na Chechénia, Inguchétia e Daguestão, foi em agosto de 2006. Queria entrevistar um alto responsável checheno acerca do êxito ou falhanço de uma amnistia para combatentes da resistência declarada pelo diretor do Bureau Federal de Segurança, o FSB.

Escrevinhei um endereço de Grozny, uma casa particular em ruínas, rodeada por uma cerca partida nos arredores da cidade, e dei-lho sem mais explicações. Tínhamos falado em Moscovo acerca da minha intenção de ir a Grozny entrevistá-lo. Um dia mais tarde, mandou alguém a essa casa para me dizer de forma críptica: «Pediram-me que lhe dissesse que está tudo bem.» Isso significava que o oficial se encontraria comigo, ou mais precisamente que ele haveria de aparecer com um saco na mão e o ar de quem só saiu para comprar pão.

A sua informação foi inestimável e minou completamente o relato oficial de como a amnistia estava a funcionar. Foi-me transmitida numa sala de dois metros quadrados com uma pequena janela cujas cortinas foram firmemente corridas. Antes da guerra, tinha sido um abrigo, mas quando a casa principal foi bombardeada, os proprietários passaram a usá-la como cozinha, quarto e casa de

banho, tudo junto. Deixaram-me utilizá-la com considerável nervosismo, mas são velhos amigos sobre cujos infortúnios escrevi há uns anos, quando o filho foi raptado.

Porque é que o oficial e eu nos demos a estes trabalhos? Somos loucos ou estamos a tentar dar um pouco mais de emoção às nossas vidas? Nada disso. A confraternização às claras entre uma pessoa que recolhe informação tendencialmente contra o regime, como eu ou outro jornalista da *Novaya Gazeta*, e um responsável governamental alinhado só podia ser desastroso para ambos.

Esse mesmo alto funcionário pôs-me em contacto com combatentes da resistência que queriam depor as armas, mas não estavam dispostos a participar no circo oficial. Transmitiu-me informações muito interessantes sobre a razão pela qual nenhum dos combatentes se queria render ao regime: acreditavam que o Governo estava só interessado em relações públicas e não era confiável.

«Ninguém quer render-se!» Os analistas vão ter dificuldade em acreditar nisso. Ao longo de várias semanas, a televisão russa tem mostrado indivíduos de aspeto duvidoso a declarar que queriam aceitar os termos da amnistia, que «confiavam em Ramzan». Ramzan Kadyrov é o checheno favorito do Presidente Putin, nomeado primeiro-ministro com perfeito desprezo por ser um completo idiota, sem educação, inteligência ou qualquer talento discernível, a não ser para o assalto violento e a desordem.

Para estas cerimónias profanas são chamados esquadrões de jornalistas-palhaços (eu não sou convidada). Escrevem tudo cuidadosamente nos seus caderninhos, tiram as suas fotografias, preenchem os seus relatórios, e daí resulta uma imagem totalmente distorcida da realidade. Uma imagem que é, no entanto, agradável para os que declararam a amnistia.

Uma pessoa não se habitua, mas aprende a viver com isto. É exatamente assim que tenho tido de trabalhar ao longo da segunda guerra no Norte do Cáucaso. Para começar, escondia-me das tropas federais russas, mas conseguia sempre contactar clandestinamente indivíduos por meio de intermediários de confiança, para que os meus informadores não fossem denunciados aos generais.

Quando o plano de «chechenização» de Putin foi bem-sucedido (pondo chechenos «bons», leais ao Kremlin, a matar os chechenos «maus» que se lhe opunham), usei o mesmo subterfúgio para falar com os dirigentes chechenos «bons». A situação não é diferente em Moscovo, ou na Cabardino-Balcária, ou na Inguchétia. O vírus está muito disseminado.

Pelo menos um número de circo não dura muito tempo, e o regime que recorre aos serviços de jornalistas-palhaços tem a longevidade de um cogumelo bolorento. A purga das notícias produziu uma mentira gritante orquestrada por funcionários ansiosos por promover uma «imagem correta da Rússia de Putin». Mesmo agora engendra tragédias que o regime não consegue enfrentar e que podem afundar o seu porta-aviões, por mais invencível que este possa parecer para já. A pequena cidade de Kondopoga na Carélia, na fronteira com a Finlândia, foi palco de tumultos raciais anticaucaianos regados a vodca que resultaram em várias mortes. Desfiles nacionalistas e ataques de motivação racial por «patriotas» são uma consequência direta das mentiras proferidas de forma patológica pelo regime e da falta de um verdadeiro diálogo entre as autoridades estatais e o povo russo. O Estado fecha os olhos ao facto de a maioria do nosso povo viver numa pobreza abjeta, e de o verdadeiro nível de vida fora de Moscovo ser muito inferior ao alegado. A corrupção no seio da Pirâmide do Poder de Putin supera até os máximos anteriormente alcançados, e uma geração mais jovem está a crescer simultaneamente mal-educada e militante devido à sua pobreza.

Detesto a ideologia atual que divide as pessoas em «alinhadas», «não alinhadas», ou mesmo como estando «do lado errado». Se um jornalista estiver alinhado, receberá prémios e distinções, e talvez seja convidado para deputado da Duma. Atenção: convidado, não eleito. Já não temos eleições parlamentares no sentido tradicional da palavra, com campanha, programas eleitorais e debates. Na Rússia, o Kremlin convoca aqueles que estão irrepreensivelmente «alinhados», que fazem a saudação nos momentos certos e estão filiados no partido Rússia Unida, com tudo o que isso implica.

Hoje, um jornalista que não está «alinhado» é um proscrito. Nunca desejei o meu estatuto atual de pária, e isso faz-me sentir como um golfinho encalhado. Não sou uma combatente política.

Não vou entrar nas outras alegrias do caminho que escolhi: o envenenamento, as detenções, as ameaças por correio e pela Internet, as ameaças de morte pelo telefone. O principal é continuar com o meu trabalho, descrever a vida como a vejo, receber todos os dias na nossa redação pessoas que não têm outro sítio para expor os seus problemas, porque o Kremlin acha as suas histórias irrelevantes. O único sítio onde podem ser tornadas públicas é no nosso jornal, a *Novaya Gazeta*.

De que é que eu sou culpada? Limitei-me a relatar o que testemunhei, nada mais do que a verdade.

in *Soyuz zhurnalistov*, edição especial,
26 de outubro de 2006

UM QUESTIONÁRIO PARA O PROJETO «TERRITÓRIO DA GLASNOST»

Apresentado a jornalistas, editores e colunistas da *Novaya Gazeta*.

1. *Apelido e nome próprio, ou pseudónimo:* Politkovskaya, Anna.
2. *Tópico de especialização:* Qualquer coisa de interesse para os nossos leitores.
3. *O seu credo profissional, ou lema:* O que importa é a informação, não o que se pensa sobre ela.
4. *Qual é a sua prioridade como jornalista?* Fornecer o máximo de informação possível.
5. *O que pensa dos tempos em que vive, das pessoas, do país?* O povo é notável; o país é soviético; os tempos são outro Tempo de Problemas.
6. *Sobre que assunto acha mais difícil escrever (e qual a história que melhor ilustra isso)?* Os nossos tempos.
7. *Sobre que assunto mais gosta de escrever (e sobre que história)?* Sobre as pessoas.
8. *Porquê e para quem está a fazer o seu trabalho?* Para as pessoas e para o bem das pessoas.
9. *Como avalia o trabalho daqueles que estão hoje no poder e tomam decisões ao mais alto nível, moldando a reputação da Rússia no país como no estrangeiro (o Presidente, o Governo, o poder judicial, os membros do Parlamento e a elite empresarial)?* A gestão do Estado é extremamente ineficiente.

10. *Como avalia a vontade das pessoas de se considerarem representantes da sociedade civil e de se envolverem num diálogo aberto com as autoridades estatais? Não há muita. Há demasiado medo na sociedade e muito pouco idealismo.*
11. *Como classifica o nível de democracia e independência da imprensa? O que pensa que está a acontecer na Rússia à liberdade de expressão e onde obtém pessoalmente informações fiáveis (não como profissional, mas como utilizadora)? A liberdade de expressão está em fase terminal. Só confio 100% na informação se eu própria a tiver obtido.*
12. *Que acontecimentos recentes considera terem sido um marco para si, para o país e para a sociedade (positivos ou negativos)? Para o país, a ocupação da Inguchétia; para a sociedade, o mesmo; para mim, o mesmo.*
13. *No seu entender, quais são os principais problemas que a sociedade russa enfrenta? O facto de a maioria das pessoas pensar que algo nunca lhes irá acontecer a elas.*
14. *Que qualidades mais a impressionam, e que mais a dececionam, nas figuras públicas e nas pessoas comuns? (Dê exemplos, se possível.) Admiro a transparência e a sinceridade. A mentira e as pessoas que pensam que são astutas provocam-me náuseas.*
15. *Que políticos, economistas, pessoas das artes e da cultura e também cidadãos comuns nomearia para Pessoa do Ano, Herói do Nosso Tempo, ou personalidades icónicas nos dias de hoje na Rússia? Não há heróis à vista. Se tivéssemos um, ele poria um fim à guerra.*
16. *Como avalia a qualidade de vida na Rússia? Que fatores devem ser tidos em conta? Muito baixa. O número de pessoas pobres é enorme e isso é uma desgraça.*
17. *O que podem e devem as pessoas (sociedade), políticos, funcionários (o Estado) e jornalistas fazer para melhorar a qualidade de vida na Rússia? Os jornalistas devem escrever; os políticos devem fazer barulho e não chafurdar no luxo; e os funcionários não devem roubar as pessoas pobres.*

AGENTES DO FSB LEVAM A CABO NOVA «OPERAÇÃO ESPECIAL» CONTRA A NOVAYA GAZETA

A Equipa Editorial da *Novaya Gazeta*
28 de fevereiro de 2002

Com o decorrer das operações especiais, este foi um esforço bastante desanimador. Pela competência técnica atribuímos aos chekistas três pontos, mas a nota artística, infelizmente, é zero.

Uma declaração emitida pelo representante do FSB Ilya Shabalkin afirma que a *Novaya Gazeta* e a sua enviada especial Anna Politkovskaya estão a tentar tirar partido das missões da jornalista na Chechénia para «resolver os seus problemas financeiros e discordâncias com certas fundações». Shabalkin declarou que as reportagens de Politkovskaya se caracterizam por um sensacionalismo indesejável e estão a dificultar a operação contraterrorista na Chechénia. Afirma também categoricamente que as suas afirmações fazem parte de uma tentativa de persuadir a Fundação Soros a anular uma subvenção de 14 mil dólares que a *Novaya Gazeta* recebeu para trabalhar em áreas políticas críticas.

Shabalkin afirma que o nosso jornal não forneceu ao Open Society Institute da Fundação um relatório provisório, e que a Fundação nos informou por escrito de que se propõe cessar o seu apoio financeiro. O chekista Shabalkin faz ainda questão de afirmar que Anna Politkovskaya não foi acreditada para trabalhar como jornalista na Chechénia.

Todos os indícios de uma monstruosa conspiração estão lá: a ligação ao dinheiro americano, espalhando o descontentamento entre as tropas russas por ordem dos tubarões transatlânticos e a ausência de autorização oficial para operar na Chechénia.

A descoberta desta conspiração contra a Federação Russa foi anunciada em todos os principais canais de televisão, distribuída pelo canal de notícias Interfax e alegremente publicada nas páginas da Internet da Effective Politics Foundation. É uma tarefa difícil, mas temos de responder. A *Novaya Gazeta*, como centenas de outras

organizações, recebeu uma subvenção, no valor de 55 mil dólares, da Fundação Soros, com o objetivo de estabelecer uma base de dados de indivíduos que desapareceram sem deixar rasto na Chechénia; facilitar a libertação de prisioneiros e reféns; e dar apoio a um orfanato e a um lar de idosos. Vale a pena notar que, embora a subvenção tenha sido concedida no ano passado, temos vindo a fazer todo este trabalho desde 1994.

O nosso colega Vyacheslav Izmailov conseguiu libertar mais de 170 vítimas de rapto. Graças aos esforços da *Novaya Gazeta*, e em particular da nossa colunista Anna Politkovskaya, dezenas de idosos sobreviveram a dois invernos num lar de idosos em Grozny. Com a ajuda do Ministério do Interior, levámos os idosos, que tinham perdido completamente a esperança, de volta para junto dos seus familiares. A Fundação Soros apreciou estes esforços e ofereceu apoio financeiro, que tivemos o prazer de aceitar.

Dos 55 mil dólares concedidos, até agora só recebemos um primeiro pagamento de menos de 14 mil dólares. A razão é muito simples: durante três meses tivemos de esconder Anna Politkovskaya fora das fronteiras da Rússia. Quando foi confirmado que estava a ser preparado um atentado para a assassinar, foi invocada a lei «Sobre a Proteção pelo Estado» até que o suspeito fosse preso. Foi-lhe concedido um estatuto especial, sobre o qual não podemos dar pormenores.

Por estas razões, o nosso relatório foi apresentado em fevereiro deste ano. A Fundação Soros não tem qualquer queixa contra a *Novaya Gazeta*, e nos próximos 12 meses iremos receber os restantes 41 mil dólares e continuaremos o nosso trabalho.

Nas alegações de propaganda em torno das missões de Politkovskaya, o chekista Shabalkin superou-se a si próprio. Não fomos nós, ou Politkovskaya, mas o Gabinete de Imprensa do Comando Militar Conjunto que a 9-10 de fevereiro emitiu uma declaração afirmando que Politkovskaya tinha deixado o Gabinete do Comandante em Shatoy sem informar os militares. Politkovskaya tinha boas razões para partir. Os factos que lhe foram comunicados pelos Procuradores Militares eram demasiado graves para não o fazer.

Repetimos que não fizemos declarações, não gerámos qualquer tipo de propaganda. Esse foi inteiramente o trabalho do FSB, utilizando o Exército como porta-voz. Então, quem pôs a bola a rolar?

A resposta sobre a razão pela qual o FSB se irritou tanto pode ser encontrada nos números 11 e 12 da *Novaya Gazeta*. Utilizando provas do processo criminal e entrevistas com procuradores militares, Politkovskaya provou com factos e documentos que o fuzilamento de seis civis, incluindo uma mulher grávida, e a subsequente cremação dos seus corpos tinham sido perpetrados por tropas de operações especiais dos serviços secretos militares. Trata-se de um caso único. Graças à coragem dos procuradores e à nomeação pública dos suspeitos, dez militares foram detidos.

O FSB não faz qualquer tentativa de refutar estes factos na sua declaração: simplesmente ignora-os. O FSB não está preocupado com o facto de este crime inflamar e agravar a guerra. O FSB está apenas preocupado com o facto de Politkovskaya não ter a acreditação necessária.

Na verdade, tinha, e nós publicámo-la. Vá lá, chekistas! Precisam de fazer melhor o vosso trabalho de casa, para preparar a desinformação.

A fim de implementar a sua campanha altamente inteligente, os chekistas usaram alguns dos nossos colegas jornalistas como fantoches. Primeiro, o ultrarrespeitável *Vedomosti* escreveu que não tínhamos fornecido um relatório à Fundação Soros e que o pagamento da nossa subvenção poderia ser suspenso. Porque é que um jornal de negócios sério deveria de repente começar a contar o que, pelos seus padrões, são trocos? É desconcertante — até vermos a declaração de Shabalkin.

As declarações foram também distribuídas através da Interfax, nessa altura com os nossos comentários. Em nenhum momento, infelizmente, os nossos colegas tiveram dúvidas sobre se deveriam publicar correspondência privada entre a *Novaya Gazeta* e a Fundação Soros. Poder-se-ia pensar que estávamos a desbaratar o dinheiro dos contribuintes ou o Orçamento do Estado.

A forma como a correspondência foi divulgada é, no entanto, uma questão à parte. Uma cópia está na posse da Fundação Soros, e o original foi recebido pelo editor da *Novaya Gazeta* pelo correio.

Nem a Fundação, nem o editor da *Novaya Gazeta*, escusado será dizer, passaram isto à imprensa; como tal, alguém tem intercetado o nosso correio, aberto a nossa correspondência, tentando vigiar a atividade do jornal, e talvez, também, a atividade da Fundação. É gratificante informar que não encontraram nada mais substancial do que um relatório em atraso.

Como no nosso caso, só as falhas do FSB nos permitem ver o que eles estão a fazer com o dinheiro dos contribuintes. Como habitualmente, estão a tentar sugerir uma ligação entre artigos que dizem a verdade sobre a guerra na Chechénia e os serviços secretos ocidentais, dinheiro ocidental, e assim por diante.

O FSB gosta de mostrar que está muito bem informado sobre os assuntos dos outros, especialmente quando não são da sua competência. Assim, é-lhes muito mais fácil apontar publicamente problemas inexistentes do que encontrar terroristas como Khattab ou Basayev. Ou talvez sejam Politkovskaya e os nossos relatórios em atraso que os impedem de o fazer. Talvez seja assim que justificam a sua incompetência profissional. As respostas a estas e outras questões serão, sem dúvida, obtidas em tribunal. Os nossos advogados estão a preparar a queixa.

Não tenha demasiada pressa, Sr. Shabalkin, em estragar o seu casaco, fazendo um buraco para a medalha que espera receber.

E AGORA?

4 de março de 2002

Primeiro, o editor da *Novaya Gazeta* solicitou que eu, enviada especial Politkovskaya, escrevesse uma carta aberta ao Sr. Shabalkin. Pensei no assunto e recusei. Demasiado aborrecido. Depois o editor disse que precisávamos de escrever uma carta aberta irada ao chefe de Shabalkin, o Sr. Patrushev, que dirige o FSB. Pensei seriamente sobre isto, mas voltei a recusar. Alguém que não consegue apanhar Basayev e Khattab com uma equipa de muitos milhares de pessoas

não me interessa minimamente. Nem sequer consegue fazer com que me zangue.

Então escreve ao Putin! Mas, em vez disso, escrevi uma carta ao Major Nevmerzhitsky, Comandante de Reconhecimento do Gabinete do Comandante Militar do distrito de Shatoy.

O Major Nevmerzhitsky foi testemunha da tragédia de Shatoy – o assassinio e cremação dos corpos de seis civis por soldados da Direção Central de Inteligência (GRU), que ocorreu a 11 de janeiro de 2002 e foi oficialmente descrito por Khankala como uma operação para capturar o líder da resistência, Khattab. Foi esta atrocidade que investiguei durante a minha missão de fevereiro na Chechénia. Isto irritou de tal maneira o FSB que embarcaram na campanha de desinformação acima descrita. Porque é que lhe dirigi a minha carta? Porque me apeteceu.

Caro Vitaliy,

veja o que eles têm andado a fazer enquanto nós trilhávamos os caminhos de Shatoy! Estão a dizer que o fizemos por dinheiro. O Quartel-General do Exército em Khankala afirma isso e não interessa realmente de quem são as cordas vocais que usam. O senhor andou a correr pelas montanhas; a olhar horrorizado para o local do crime, a partir de um penhasco, tentando não cair; a discutir durante dias quem tinha matado quem e queimado os seus corpos; a ter de enfrentar 28 órfãos. Este tipo de trabalho, segundo o agente Shabalkin, tem um valor em dólares.

É claro que não temos nada a provar um ao outro, e agora podia simplesmente ficar calada. Mas, na verdade, viu o que aconteceu em Dai e Nokhchi-Keloy e na estrada para Barzoy, onde os corpos de dois soldados e de um oficial, em quem os Shabalkins deste mundo não têm qualquer interesse, estão a boiar no rio há mais de dois meses. Sabe que não se trata de dólares.

No início fiquei muito zangada e pensei que se o Shabalkin tivesse estado no nosso lugar, teria tido uma história diferente para contar. Depois acalmei-me e comecei a sentir pena do homem. «Eles» em Khankala têm uma vida difícil: têm de correr de um lado para o outro como criados de senhores com mau humor matinal porque as suas botas não foram devidamente engraxadas. Não é realmente fácil falar sobre lugares onde nunca se esteve e de coisas que nunca se viu e dar a impressão de que se está a fazer um ótimo trabalho e se sabe tudo o que se passa. O senhor e eu preferiríamos dar um tiro nos miolos a enfrentar obstáculos como esses, mas o Shabalkin, pobre coitado, vai em frente. Portanto, somos mais afortunados. Vimos tudo com os nossos próprios olhos e não temos de fingir. Embora não sejamos mais felizes quando pensamos no que já vimos.

Como estão as coisas em Shatoy? Será que desistiram de enviar helicópteros de Khankala para apanhar Khattabs feridos?² Como se está a dar Vitor Malchukov, o Comandante Militar de Shatoy que há muito viu a realidade do que se passa à sua volta, um homem de olhos assombrados? Deve ser difícil para si. Para mim é mais fácil aqui em Moscovo, só tenho de desviar os ataques de idiotas. É canja em comparação com as montanhas.

ANNA POLITKOVSKAYA

À minha volta, a minha família está com o semblante carregado. Estou de novo a voar para a Chechénia, só que não me vou encontrar com Vitaliy. Tenho outros planos.

² Referência a Samir Abdullah Al-Suwailem, mais conhecido como Emir Khat-tab, ou Líder Khattab, um militante muçulmano que lutou como *mujahidin* nas duas guerras da Chechénia. [N. T.]

A SAGA DA REPORTAGEM DE ANNA EM SHATOY

14 de fevereiro de 2002

[A 11 de janeiro de 2002, no que foi descrito oficialmente pelo Quartel-General do Exército como uma operação para capturar o líder da resistência checheno, Khattab, soldados da Direção Central de Inteligência (GRU) assassinaram e queimaram os corpos de seis civis. Anna foi investigar.]

Tiro a cassete da minha última reportagem na Chechénia e, ao mesmo tempo, leio os jornais e os telexes das agências noticiosas.

Muito bem. Os meus colegas parecem ter estado a competir para ver quem conseguia arranjar a história mais infundada. De acordo com a nossa estimada agência noticiosa Interfax, fui detida a 9 de fevereiro pelo Gabinete do Comandante Militar do distrito de Shatoy durante uma operação especial, porque não tinha os documentos necessários. Parece não preocupar ninguém o facto de não ter havido nenhuma operação especial em Shatoy, nem imediatamente antes, nem depois do dia 9 de fevereiro.

À medida que vou lendo, o tom torna-se mais cáustico. Parece que me escapei do Gabinete do Comandante e desapareci, assim desacreditando-o... Devo ser punida exemplarmente... O Gabinete de Imprensa do Comando Militar Conjunto na Chechénia fulmina-me: com a minha má conduta, envergonho todos os jornalistas.

O que realmente aconteceu foi que no dia 8 de fevereiro, o segundo dia da minha missão, tendo ido de Grozny para Shatoy, o meu primeiro ato, não fazendo qualquer tentativa de me esconder, fui diretamente ao encontro de Sultan Mahomadov, o diretor do Gabinete Distrital dos Assuntos Internos, e informei-o do objetivo da minha missão: investigar um dos mais escandalosos e trágicos acontecimentos recentes na Chechénia, a execução extrajudicial e a cremação dos corpos de seis civis que regressavam de Shatoy às suas casas na aldeia montanhosa de Nokhchi-Keloy, a 10 de janeiro de 2002. Da milícia fui ao gabinete da Administração

Distrital e, conforme necessário, pedi-lhes que pusessem um carimbo a confirmar a minha chegada nos meus papéis de missão. Assim fizeram.

Da Administração Distrital parti para o Gabinete do Comandante Militar do Distrito, para falar com o Comandante, o Coronel Vitor Malchukov. Porque é que fui vê-lo? Porque, muito simplesmente, o conheço há muito tempo e respeito a sua capacidade de falar com as pessoas nas aldeias, resolvendo assim inúmeros conflitos que surgem entre o Exército e a população civil.

Sentámo-nos e elaborámos um plano sobre a melhor forma de fazer o trabalho que o meu jornal me tinha confiado. O coronel disse que tinha de ir a uma reunião em Khankala na manhã seguinte, pelo que, infelizmente, a ajuda que me podia dar era limitada.

Os meus colegas jornalistas informaram que eu havia sido «detida» e que depois «fugira». Isto era um completo disparate, embora confirme apenas o que se passou no dia 8 de fevereiro, antes de o FSB entrar em ação. No dia 9, já era claro que o massacre perto da aldeia de Dai no distrito de Shatoy por soldados da divisão especial de elite da Direção Central de Inteligência do Ministério da Defesa tinha as suas raízes, como dizem as pessoas na Chechénia, no Quartel-General do Exército em Khankala.

Às 11 da manhã do dia 9, tinha marcado uma entrevista com o Coronel Andrei Vershinin, Procurador Militar do distrito de Shatoy, que conduz presentemente uma investigação criminal sobre as execuções e cujo gabinete está localizado no Quartel-General do Regimento 291, perto da aldeia de Barzoy, a poucos quilómetros de Shatoy. O Procurador Militar verificou escrupulosamente todos os meus documentos e depois deu-me uma longa entrevista na qual foi tão franco quanto possível, dado tratar-se de um caso que ainda não foi a tribunal. Os meus sinceros agradecimentos ao Coronel Vershinin. É uma pessoa fantástica para se ter nesse cargo. Separámo-nos em termos amigáveis.

As surpresas começaram imediatamente a seguir a isto. Durante a entrevista, descobri que os meus agentes de segurança da milícia tinham sido interrogados por agentes do FSB sobre a

minha pessoa. De que é que eles andavam à procura? Porquê? Quem lhes deu autorização? Oficiais que não conhecia abordaram-me, disseram-me que vinham por bem e calmamente aconselharam-me a sair depressa do regimento, avisando-me de que preparavam a minha detenção e que o FSB se opunha categoricamente a que os jornalistas metessem o nariz neste caso, que envolvia comandantes militares de topo.

Foi neste momento que o meu «desaparecimento» começou; uma mudança de carros, cobrindo o meu rasto à procura de um lugar para dormir onde ninguém me encontrasse. Havia muitos sinais de que isto estava longe de ser uma brincadeira e que era de importância vital comportar-me precisamente desta forma. Queria muito permanecer viva e voltar para casa, em face de uma caça ao homem montada por homens armados até aos dentes e com muita maldade nos seus corações. Por esta razão, tive de me dissolver no tempo e no espaço, e não, como os meus colegas de imprensa e os ideólogos de Khankala iriam escrever em breve, para criar alvoroço e chamar a atenção sobre mim mesma.

De manhã cedo, a 10 de fevereiro, escapei a pé para Starye-Atagi, fortemente disfarçada, evitando os postos de controlo e a «rusga de segurança» que estava a começar na aldeia vizinha de Chiri-Yurt. Movendo-me muito silenciosamente, quase a rastejar, a minha principal preocupação era não atrair as atenções para não ser morta. Fugir de Shatoy e dos raivosos agentes do FSB era apenas metade do problema. Entrar em Starye-Atagi, que está agora nas mãos dos uababis³, era o meu próximo desafio. Nenhum soldado federal ou representante do novo Governo checheno anda pelas ruas. Têm muito, muito medo de ser mortos. Somente jornalistas e ativistas dos direitos humanos a recolher secretamente informações circulam assim cautelosamente, porque jornalistas como eu não têm outra opção, dada a forma como as coisas se têm desenrolado na Chechénia: temos de manter um perfil muito discreto.

³ Uaabis, ou Wahabis, seguidores de Abd al-Wahhab, que, no século VII, proclamava um «islão sem adulterações». O uaabismo, forma rígida e conservadora do islamismo, é hoje a religião oficial da Arábia Saudita. [N. T.]

Se calhar pensam que isto é brincar aos espíões, ou que procuro emoções fortes. Nada disso. Abomino isto tudo. A situação criada pelas agências policiais na Chechénia, e antes de mais pelos membros do FSB e do Ministério da Defesa, é tão repugnante que me põe doente; uma situação em que o desejo legítimo de uma jornalista de ficar na posse de todos os factos relacionados com um acontecimento resulta em ameaças diretas à sua vida. O que estava eu a fazer durante aqueles dois dias em Shatoy? O meu trabalho, pelo amor de Deus, não mais do que isso. Acreditem em mim, não há nada mais odioso do que, no nosso próprio país, nos sentirmos um alvo para a prática de tiro de parasitas que vivem, comem e bebem à nossa custa — os contribuintes. E depois têm a ousadia de me denegrir.

Tradicionalmente, os jornalistas não escrevem sobre a forma como obtêm as suas informações. A atenção do leitor deve concentrar-se apenas nos factos. Isso é que é correto. Perdoem-me por hoje ter tido de me desviar desse ideal, encontrando-me eu relutantemente sob um fogu cruzado de mentiras e conjeturas.

Um relatório minucioso da minha missão em Shatoy aparecerá na próxima edição. Será o resultado de uma investigação sobre o brutal assassinio de seis civis no distrito de Shatoy, e não direi mais nada sobre a forma como consegui obter as informações. Só hoje, antes de deixar cair o pano, me permitirei tirar algumas conclusões sobre os acontecimentos que rodearam esta investigação.

Em primeiro lugar, as condições dos jornalistas que trabalham na Chechénia tornaram-se completamente impossíveis. Refiro-me à obtenção de informações completas sobre um acontecimento.

Em segundo lugar, as mentiras injustificadas e descaradas do Comando do Exército, transmitidas pela maioria dos meios de comunicação social sem qualquer tentativa para as verificar, estão no centro do mundo em que vivemos hoje. Cada vez mais permitimos que nos façam uma lavagem ao cérebro. É um mundo onde o Exército russo é encorajado a caçar civis, incluindo jornalistas, mas não o líder terrorista Khattab.

E, em terceiro lugar, muitos dos meus colegas jornalistas, dançando ao som das autoridades estatais e das altas patentes do Exército,

estão hoje dispostos a fazer tudo o que lhes for exigido, a publicar entrevistas sem se preocuparem com a verdade, a escrever sobre escândalos mesmo quando não há nenhum escândalo, e tudo para evitarem ter de enfrentar diretamente a tragédia fratricida que está a ser perpetrada na Chechénia. É isso que realmente importa nos contrastes que tive na minha última missão, que terminou a 12 de fevereiro.

ANNA POLITKOVSKAYA

Nota dos Editores

A *Novaya Gazeta* agradece ao General Vítor Kazantsev, representante presidencial plenipotenciário na Região Federal do Sul, e a muitos outros por responderem ao nosso pedido de assistência na busca da nossa enviada especial, Anna Politkovskaya.

Agradecemos à Direção de Segurança Pessoal do Ministério do Interior da Federação Russa e também ao Secretariado do Assessor Presidencial Sergei Yastrzhembsky por ajudar a determinar o paradeiro da nossa enviada especial após o incidente no distrito de Shatoy, na Chechénia.

O JORNALISMO VALE A PERDA DE UMA VIDA?

10 de novembro de 2003

O jornalismo vale a perda de uma vida? Sempre que acontece algo como o que se passou na noite de 3 de novembro em Riazan — e na Rússia as tentativas de matar jornalistas não são raridade —, nós, os servos e escravos da informação, fazemos a nós próprios esta pergunta. Se o preço da verdade é tão elevado, talvez devêssemos simplesmente parar e encontrar uma profissão com menos risco de «grandes aborrecimentos»? Até que ponto a sociedade, em nome de quem estamos a fazer este trabalho, se importaria? Perante isto, cada um de nós faz a sua própria escolha.

A 3 de novembro de 2003, cerca das 21h04, à entrada do bloco residencial n.º 26, da Rua Zubkova, em Riazan, atentaram contra a vida de Mikhail Komarov, 30 anos, editor-adjunto da edição de Riazan da *Novaya Gazeta*. Ao regressar a casa, foi atingido na nuca com um pesado instrumento rombo. O trabalho de Komarov é bem conhecido em Riazan, e, nos últimos anos, o nosso colega especializou-se em jornalismo de investigação, escrevendo alguns artigos que aprofundam as atividades comerciais dos oligarcas locais.

À noite, todos os dormitórios das cidades russas são tão parecidos como gémeos idênticos. O seu parentesco está na escuridão que desce sobre eles, na qual se pode matar uma pessoa sem se ser visto e sem obstáculos e depois escapar sem repercussões.

Estamos a 4 de novembro, o dia seguinte à tentativa de assassinio, e ainda não é muito tarde, mas como de costume não se consegue ver nada em Dashkovo-Pesochnoyeno, subúrbio de Riazan. O bairro em si parece realmente não existir. A Rua Zubkova, «Broadway», só pode ser sentida, imersa na escuridão do não ser. Só se pode sentir que algures nas redondezas há habitações. Estão reunidas todas as condições para um golpe bem-sucedido. Tateamos o nosso caminho, guiados por Valentina Komarova, mãe de Mikhail, que está chocada com o que aconteceu. Valentina tem dois filhos. O mais novo, Dima, tem 20 anos e é um promissor jogador de futebol. O seu mais velho, Mikhail, «saiu à avó», explica Valentina, com uma mistura de orgulho e medo. Ela também era uma combatente da verdade. Sobreviveu à guerra e continua a lutar até aos dias de hoje, embora já tenha 80 anos. Não cede e está sem um tostão. Misha é igual. «Quantas vezes já lhe implorei: “Não, filho. Deixa-os viver as suas vidas e nós vivemos as nossas.” No trabalho, as pessoas estavam sempre a dizer-me: “Isto vai acabar mal.” Pronto, chegámos. Esta é a nossa porta, o n.º 14.»

Foi nestas escadas que duas pessoas com gorros de lã pretos e casacos de couro, o uniforme dos assassinos russos, esperaram por Mikhail. Os vizinhos viram-nos, mas, como é costume, não pensaram mais nisso. «Desde que eu esteja bem, desde que não seja eu que eles estejam a espancar, está tudo bem.» Aqui está a escada que o jornalista subiu,

deixando um rasto de sangue, a fim de escapar aos potenciais assassinos. Hoje, tal como ontem, todas as portas estão firmemente fechadas. A entrada adequa-se bem ao homicídio, com cantos escuros nos quais cada um é o seu próprio serviço de salvamento, a sua própria pirâmide de poder, procurador e milícia.

A propósito, a esquadra da milícia do distrito de October está mesmo ao virar da esquina. Na verdade, é mundialmente famosa porque foi aqui perto que, também na escuridão, que é amiga não só dos pistoleiros mas também do FSB, no outono de 1999, a Direção de Riazan do FSB foi apanhada em flagrante a plantar explosivos num bloco de apartamentos pouco antes do reinício da guerra da Chechénia, o chamado exercício de treino «açúcar».⁴

— Soube que houve ontem um atentado contra a vida do jornalista Mikhail Komarov no seu bairro? — pergunto a alguns jovens milicianos que espreitam ansiosamente pela porta.

— Sim. Acabámos de ver na televisão.

— Este tipo de coisas deve acontecer aqui muitas vezes, já que estão a levar isto tão calmamente.

— Não, é a primeira vez — diz Vitaliy Vyazkov, oficial de serviço da esquadra, sem mexer um cabelo.

Manhã cedo, 5 de novembro. Às quartas-feiras, as milícias do distrito de October têm uma formatura para inspeção. Alguns milicianos não se deram ao trabalho de comparecer e estão a fumar à porta, discutindo o atentado a Komarov. «Devia ter mantido a cabeça baixa», murmura uma mulher a fumar um cigarro. Os outros concordam.

Os seus superiores chegam, o Chefe Interino da Milícia Distrital, Alexander Naidyonov, e o seu adjunto, Yevgeny Popkov.

— Não temos nada a declarar — é o seu comunicado conjunto.

— Pode ao menos dizer-me se está a promover uma investigação criminal? Já estamos no dia 5.

⁴ Blocos de apartamentos em Moscovo, Buinaksk e Volgodonsk foram dinamitados, aparentemente pelo FSB, com a perda de muitas vidas russas. Os chechenos foram acusados como pretexto para recomeçar a guerra na Chechénia. Uma tentativa de fazer o mesmo em Riazan foi frustrada e posteriormente apresentada como um «exercício de treino», em que os engenhos explosivos encontrados continham apenas açúcar.

O Coronel Naidyonov quase foge de mim, com os olhos a dardejar.

Qual é o problema? Não é simples? Se alguém foi atacado, o crime não deve ser investigado? Ou poderá a falta de coragem da milícia relacionar-se com o facto de, na sua queixa, Komarov ter nomeado como principal suspeito o oligarca de Riazan, Sergei Kuznetsov, um dos dez mais ricos de October, proprietário de um grande centro comercial e muito mais, sobre cujos métodos comerciais Komarov escreveu frequentemente?

Esta explicação parece ser confirmada quando o Investigador Mikhail Zotov, acompanhado pelo Coronel Naidyonov, chega para interrogar a vítima pela primeira vez na clínica neurológica provincial. Está muito curioso para saber porque Komarov escreveu tanto sobre Kuznetsov. Será porque, talvez, conforme Zotov sugere insistentemente, recebeu subornos para escrever artigos «bons» sobre ele e depois, quando Kuznetsov deixou de pagar, começou a escrever contra ele? Isto é o que Kuznetsov está a dizer. Sem dúvida que cada um julga os outros pelos seus próprios padrões. «Dê-nos o que queremos e nós estamos do seu lado. Não dê e nós estamos contra si.» Esse é o credo repugnante das milícias.

É quase meio-dia, mas os agentes da lei e da ordem não têm pressa em prosseguir com o seu trabalho, e claramente não estão do lado de Komarov. Apressamo-nos a dar voltas por Riazan, tentando conseguir o levantamento de um inquérito policial: da Procuradoria Distrital de October para a Procuradoria Provincial de Riazan, daí para a Milícia Distrital de October na Rua Yesenin e finalmente, forçando a nossa entrada no gabinete do indignado Coronel Naidyonov, encontramos um georgiano muito amável que nos dirá subsequentemente:

— Sou georgiano e por isso ainda não nasceu o homem que me possa subornar.

Trata-se do Chefe do Departamento Provincial de Investigação Criminal, Coronel Dzhansug Mzhavanadze da Milícia, e informa-nos com alguma cerimónia de que uma investigação criminal foi aberta a 5 de novembro às 11h30 da manhã.

— Que trabalho está a ser feito na principal linha de investigação, envolvendo Kuznetsov? Os artigos de Komarov estão a ser anexados ao

processo, e a sua declaração ao FSB há duas semanas de que estava a ser ameaçado?

— Não posso falar sobre os meios e métodos que estamos a empregar para resolver o crime.

Compreendemos perfeitamente, e continuamos a atravessar Riazan para tentar assegurar que estes não se transformem em meios e métodos para encobrir um crime. O oligarca Kuznetsov é o papá de todos.

O oligarca é impassível, e muito democrático à sua maneira, como seria de esperar de um grande financiador do Governador de Riazan.

— Que tipo de oligarca sou eu? — pergunta timidamente Sergei Kuznetsov. Numa vida anterior, foi Secretário do Comité Distrital da Liga da Juventude Comunista. Irradia um comportamento civilizado, bonomia e modéstia. — Ontem pedi emprestados 5 mil dólares à minha sogra. Investi até ao último tostão no meu negócio. Não tenho casa própria. Já devia ter emigrado para Israel há muito tempo. A minha mãe, Galina Abramovna, está lá e eu estou aqui a lutar por uma vida melhor. Sou um construtor. Por natureza, sou um criador. Na velha lixeira da cidade infestada de ratos, construí um centro comercial com 600 lojas. Abri o melhor salão de beleza em Riazan, que tem um excelente cirurgião. Deu um jeito nas mamas da minha mulher e tirou-me umas rugas. Todos, sem exceção, estão satisfeitos. Só Misha Komarov está insatisfeito. Escreve interminavelmente que as cirurgias plásticas são realizadas sem licença. Está apenas a tentar ajustar contas pessoais comigo. Estou a ficar cansado dos seus artigos. Decidi dar-lhe uma lição.

— Dar-lhe uma lição? Sabia que no dia 3 de novembro alguém tentou matá-lo? Logo depois de ele ter saído de outra audiência contra si?

— Não vai acreditar em mim, mas eu só ouvi falar disso agora mesmo, antes da nossa reunião. — O oligarca chama o chefe do seu Serviço de Segurança, um tipo grande com um casaco de cabedal preto. — Já foste ao hospital? — pergunta-lhe.

O guarda-costas relata em pormenor o que o médico lhe disse sobre o estado de saúde de Komarov.

— Não é estranho que o médico tenha passado toda esta informação — detalhes médicos confidenciais — ao seu viking?

«O que importa é a informação, não o que se pensa sobre ela.»

Foi este o lema que norteou o corajoso e clarividente trabalho jornalístico de Anna Politkovskaya na *Novaya Gazeta*, numa era em que, segundo a própria, a liberdade de expressão na Rússia se encontra em fase terminal e o medo na sociedade esteriliza qualquer forma de idealismo. Descrevendo a vida tal como a via, relatando factos e testemunhos denunciadores de uma desumanidade sistémica, Politkovskaya ajudou a compreender a paisagem da Rússia pós-soviética, a corrupção na Pirâmide do Poder de Putin e a guerra na Chechénia. Admirada por notáveis do mundo da cultura e da política e agraciada com inúmeros prémios internacionais, foi, contudo, considerada uma pária pelo Kremlin e perseguida por aqueles que a viam como perigosa opositora, até ao seu assassinio em 2006.

Publicado postumamente, *Nada Mais do Que a Verdade* é a recolha fundamental e definitiva num único volume dos melhores artigos de Anna Politkovskaya, incluindo textos inéditos recuperados do seu computador pessoal. Um livro atual e esclarecedor, e uma homenagem a uma das figuras mais célebres e inspiradoras do jornalismo internacional.

«Uma compilação cujos estilo e efeito são reminiscentes de *O Arquipélago Gulag*, de Aleksandr Soljenítsin.»

The Independent



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[elsinore.pt](https://www.facebook.com/elsinore.pt)

[penguinlivros](https://www.penguinlivros.com)

ISBN 9789896239886



9 789896 239886 >